

FUTEBOL, UM DESPORTO DE HOMENS E PARA HOMENS?

Sónia Vladimira Correia, PhD

Ana Sousa, PhD

Filipe Casanova, PhD

Micaela Matos, MSc

Sara Pereira, PhD

Ana Paulo, PhD

Cidefes

Centro de Investigação em Desporto,
Educação Física, Exercício e Saúde



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA

A predominância do masculino no mundo do desporto está enraizada em contextos históricos, culturais e políticos baseados em relações de poder lideradas por homens, definindo-se, elas próprias, por formas expressas de masculinidade ¹. O desporto é assim, ainda, palco de reprodução de um conjunto de contextos sociais e económicos, atribuições, sentidos e significados marcados por diferenças que, embora possam ter um fundamento de ordem biológica, são historicamente definidoras de desigualdades de género.

Esta ordem de género tem sido composta por significações e construções sociais do que é ser homem e ser mulher e perspectivada como um constructo social ² de relações de poder ³, conduzindo à concetualização das relações entre homens e mulheres como relações de dominância masculina ⁴. Neste jogo de domínio do masculino entram em campo as atribuições tradicionais de género que concorrem, ao mesmo tempo, por um lado para a associação ao masculino de características materializadas no referencial simbólico de virilidade, como sejam a tenacidade, a força, a robustez e a impetuosidade e, por outro lado, para o afastamento das características historicamente atribuídas à mulher (cuidadora, passiva, emocional, materna e delicada) ^{5,6}.

Em Portugal, tal como noutros países, estas conceções associadas às relações de género perpassaram para o desporto e condicionaram não só a participação desportiva das mulheres, como também a escolha da modalidade praticada, denotando também aqui a existência de “relações de género marcadas pela dominação hegemónica da cultura masculina” ⁷. No entanto, apesar deste contexto de persistência de estereótipos de identidade de género, de forma paulatina, mas consistente, a mulher rompeu com os padrões tradicionais de participação desportiva. No nosso país, a sua presença no desporto deu-se num contexto de entrada progressiva das mulheres na esfera pública, através da entrada no mercado de trabalho (fortemente impulsionada pelos movimentos acentuados de emigração masculina nos anos 60) e, mais tarde, a partir das décadas de 80 e 90, através da subida das taxas de escolarização; do aumento da feminização das profissões; da ocupação de cargos diretivos; dos avanços médicos e científicos; das próprias pressões dos movimentos feministas; e do surgimento de novas formas de praticar desporto (desporto inclusivo) e de fazer atividade física (associada a estilos de vida saudáveis).

O mundo do Futebol, porém, ainda permanece como símbolo da masculinidade tradicional no desporto ⁸ e constitui-se como um contexto onde a distinção de sexos continua muito presente e com diferenças assinaláveis ⁹. Os números referentes aos contextos profissionais das jogadoras de Futebol em Portugal ainda espelham esta mesma diferenciação e assim o testemunhou um estudo realizado pelo Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol (2019) ¹⁰. Este trabalho, realizado no início da época de 2017/2018 no âmbito do 2017 FIFPro Global Employment Report, aplicou um inquérito por questionário a 297 jogadoras inscritas na Liga Allianz e, das 140

respostas válidas (47,1% do total), no que diz respeito ao estatuto laboral, 70% das atletas definia-se como “amadora” e 2,1% afirmou não ter qualquer outra atividade para além do Futebol. Das inquiridas, 54% dizem ter algum tipo de contrato com o clube, um sexto tem contrato de trabalho e mais de um terço não sabe definir o tipo de vínculo. Quanto à retribuição mensal, 66,7% não tem retribuição mensal fixa e das 33,3% que afirmam ter retribuição salarial, apenas 5,1% tem rendimento igual ou superior a 1000 euros e 46,2% das jogadoras afirmam que a sua retribuição é igual ou inferior a 100 euros. No que diz respeito aos benefícios sociais, 45% não favorece de benefícios sociais.

No entanto, apesar deste contexto de diversos e claros testemunhos de desigualdade relacionados com o menor investimento financeiro associado a níveis de profissionalização baixos, rendimentos salariais menores e instáveis, e precariedade nos apoios sociais, foi observado pelo Portugal Football Observatory (2021)¹¹ que, nas últimas dez épocas, à semelhança do Futebol masculino, o número de praticantes de Futebol feminino tem aumentado de forma consistente. Esta tendência de crescimento está relacionada, segundo este, com a conquista de alguma visibilidade do Futebol feminino; com os bons resultados desportivos alcançados pelas seleções femininas; com o aumento da oferta de contextos de prática por parte dos clubes; e com mais e melhores condições de enquadramento do Futebol feminino.

Em suma, **apesar do contexto de forte masculinização do Futebol, observa-se um movimento de crescimento da presença de mulheres atletas nesta modalidade. Esta presença tem sido construída pela sua força da tomada de consciência destas na luta pela presença livre e efetiva no futebol, produzindo novas identidades culturais e desportivas rompendo, assim, mesmo que vagarosamente, com os estereótipos associados.** Importa, no entanto, deixar claro que esta evolução não tem sido feita a “solo”. A libertação do Futebol feminino do segundo plano tem sido feita através da mobilização da força individual da jovem que decide jogar Futebol, mas também das consciências coletivas (organizações, equipas dirigentes, equipas técnicas, pais/ encarregados de educação, espectadores) que, cada vez mais, de forma clara, se mobilizam na construção de um novo contexto do Futebol feminino português. **“A promoção desportiva da mulher (...) só poderá fazer-se numa promoção social generalizada, em que todos os cidadãos sejam considerados e educados como seres diferentes e complementares, e nunca na aceitação de «superioridades» e de «inferioridades», de hierarquias essenciais, de estratificações”** ¹² .

Referências Bibliográficas

1. Hargreaves JA, Anderson E. Sport, Gender and Sexuality Surveying the field. . In: Hargreaves J, Anderson E, eds. Routledge Handbook of Sport, Gender and Sexuality. Routledge; 2014:3-18.
2. Lorber J. Paradoxes of Gender. Yale University Press.; 1994.
3. Connell R. Masculinity construction and sports in boys' education: a framework for thinking about the issue. *Sport, Education and Society*. 2008;13(2):131-145. doi:10.1080/13573320801957053
4. Bordieu P. A dominação masculina. Celta Editora; 1999.
5. Krane V. We Can Be Athletic and Feminine, But Do We Want To? Challenging Hegemonic Femininity in Women's Sport. *Quest*. 2001;53(1):115-133. doi:10.1080/00336297.2001.10491733
6. Staurowsky EJ. Women's sport in the 21st century. *Women and sport: Continuing a journey of liberation and celebration*. Human Kinetics; 2016.
7. Marivoet S. Assimetrias e afinidades de género no desporto. APS; 2002:
8. Berger IE, O'Reilly N, Parent MM, Séguin B, Hernandez T. Determinants of Sport Participation Among Canadian Adolescents. *Sport Management Review*. 2008;11(3):277-307. doi:10.1016/S1441-3523(08)70113-X
9. Garton G, Hijós N. La deportista moderna”: género, clase y consumo en el fútbol, running y hockey argentinos. . *Antípoda Revista de Antropología y Arqueología*. 2018;(30):23-42. doi:10.7440/antipoda30.2018.02
10. Sindicato dos Jogadores. REPORT. A jogadora portuguesa ao raio-x época 2017/2018. <https://sjogadores.pt/uploads/files/1520594166.pdf>
11. Portugal Football Observatory. Como Angariar e Reter o Mais no Futebol Feminino? . Federação Portuguesa de Futebol. <https://indd.adobe.com/view/55f47b5e-435e-4301-b0d8-5a6d703766ae>
12. Esteves J. O Desporto e as Estruturas Sociais: Um ensaio sobre a interpretação do fenómeno desportivo. . Círculo de Leitores; 1975.

- Ficha Técnica -

TÍTULO

Mitos vs. Factos no Desporto, Educação Física, Exercício e Saúde

AUTORIA

Centro de Investigação em Desporto, Educação Física, Exercício e Saúde (CIDEFES),
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT)

COORDENAÇÃO EDITORIAL

António L. Palmeira, Inês Santos

COMPILAÇÃO E REVISÃO

Eliana V. Carraça, Hugo V. Pereira, Marlene N. Silva, Pedro B. Júdice

COLABORAÇÃO

Ana Paulo, Ana Sousa, António Lopes, António L. Palmeira, Catarina N. Matias, Diogo Teixeira, Eduarda Sousa-Sá, Eliana V. Carraça, Filipe Casanova, Francisco Carreiro da Costa, Hugo V. Pereira, Inês Santos, Joana Barreto, João R. Pereira, João Valente-dos-Santos, José Brás, José P. Morgado, João Barreira, Lúcia Gomes, Luís M. Massuça, Luís F. Monteiro, Marlene N. Silva, Micaela Matos, Miguel Betancor, Paulo Cunha, Pedro Aleixo, Pedro Figueiredo, Pedro B. Júdice, Pedro Sequeira, Rute Santos, Sara Pereira, Sidónio Serpa, Sónia Vladimira Correia, Vanessa Santos

Abril 2022 © CIDEFES, ULHT

COMO CITAR O E-BOOK: CIDEFES, ULHT. Mitos vs. Factos no Desporto, Educação Física, Exercício e Saúde (CIDEFES, ULHT, ed.). Lisboa; 2022

COMO CITAR ESTE ARTIGO: Correia, S. V., Sousa, A., Casanova, F., Matos, M., Pereira, S., Paulo, A. Futebol, um desporto de homens e para homens? In CIDEFES, ULHT. Mitos vs. Factos no Desporto, Educação Física, Exercício e Saúde (CIDEFES, ULHT, ed.). Lisboa; 2022